

UMA POLÍTICA DO FUTURO-PRESENTE

.....

.....MAURO SÁ REGO COSTA



1. O que importa não é o futuro da revolução mas o devir revolucionário.<sup>1</sup> Vamos agora ouvir falar de novo em revolução. Em vez do fim da História, como desejam alguns, uma história em várias camadas, tempos não sucessivos, mas simultâneos, vários ritmos incongruentes e superpostos como na música dos pigmeus, tempos não pulsados como em Boulez e Cage, devires com movimento retrógrado. A revolução é o corpo-sem-órgãos da política. É a partir dela que se distribui o novo espaço da política no tempo que a sucede. A revolução não tem passado, não é determinada; é num surto que se dá o acesso ao corpo-sem-órgãos da socialidade. Os períodos revolucionários são assustadores e fascinantes. Benjamin: são como surtos para fora da História, para fora do tempo. Kayrós, quando se cruzam o tempo dos Deuses e o tempo dos homens. Durante a Revolução, não há tempo, não há História. A História nasce à medida que se cristaliza e se perde o vigor dos novos potenciais que se comunicam na sua eclosão.

#### LEMBRANÇAS DA REVOLUÇÃO

Em 1972, os maoístas franceses explodiam bombas em Nice e na Espanha para estragar o verão dos burgueses. Terrorismo e disparate. *La révolution sera faite*. “A revolução será feita”, berravam voluntaristas.

Em 1973, vários grupos transformaram-se em bandas. Tocavam nas esquinas, davam concertos em asilos de velhos e de órfãos. *La ré-*

<sup>1</sup> Deleuze, Gilles & Parnet, Claire. *Dialogues*.

*volution c'est la fête*. “A revolução é a festa”, gritavam cheios de paixão.

#### PARIS, MAIO DE 68

#### QUANTO MAIS EU FAÇO AMOR, MAIS EU FAÇO A REVOLUÇÃO

Uma revolução que não se preocupa em tomar o poder. Dez mil palavras de ordem. Dez mil questões diferentes. Em junho, ainda nas ruas, guerra de paralelepípedos contra o gás lacrimogêneo da polícia. Uma greve geral pára a França. Param as fábricas, os transportes, as comunicações. Ocupações de fábricas e a criação de conselhos operários como os soviets. Ocupação dos prédios das faculdades para fazer festas e mudar currículos e programas. *A imaginação no poder*. Cada grupo faz sua própria revolução. Não há questões unificadas, nem líderes. Nos campos, os proprietários fogem de suas terras, armados. Vão acampar nos bosques, nas montanhas, organizados para enfrentar o exército revolucionário que não chega. É a guerra. Mas ninguém sabe quem manda nem o que quer essa revolução.

#### FRANKFURT, 68

Theodor Adorno chama a polícia para desalojar os estudantes que ocupam o Instituto de Pesquisas Sociais. Para Adorno é a volta da barbárie, que ele identifica, miope, com a dos nacional-socialistas. Os estudantes não perdoam.

Como morreu Adorno, o grande ideólogo do marxismo de Frankfurt? Adorno não cansa de olhar os peitinhos e as coxas de suas alunas, durante as aulas. Depois da rebelião de maio, as meninas contra-atacam. Invadem seu escritório de diretor do Instituto. Tiram as blusas, os *soutiens* e passam os peitinhos na sua cara. Depois tiram o resto da roupa e encenam uma trepada sobre sua mesa de reitor. Horas depois, Adorno morre de enfarte.<sup>2</sup>

Não interessa o futuro da revolução. O que interessa é o devir revolucionário.

<sup>2</sup> História ouvida de estudantes universitários alemães no início dos anos 70. Não sei se é a verdadeira história da morte de Adorno. Nesse momento, não me importa se é verdadeira: é um mito bem construído.

2. O primeiro grande teórico contra-revolucionário foi Richard Hooker, criticando a Revolução Inglesa, a primeira, aliás, a merecer esse nome. Em seu *Ecclesiastical Polity*, Hooker faz um perfil dos mais radicais entre os revolucionários, os puritanos.

Para pôr em marcha um movimento, é preciso ter uma “causa”. Há pouco tempo se usa este termo em política, ele foi lançado pelos puritanos. Para promover sua “causa”, segundo Hooker, deve-se criticar severamente os males sociais e principalmente o comportamento das elites, e fazê-lo repetidamente. Os críticos devem ser considerados, pelos que os ouvem, homens de grande integridade, “pois somente homens muito bons podem ofender-se tão profundamente com o mal”. Depois, deve-se dirigir a crítica de forma direta sobre o governo instituído. Todos os defeitos e a corrupção do mundo devem ser atribuídas ao governo. Fica claro então o que deve ser atacado a fim de livrar o mundo de todo o mal. E após esta preparação, é o momento de indicar uma nova forma de governo como “o remédio para todos os males”, assim como identificar os líderes do movimento. Os seguidores do movimento preferirão a companhia de outras pessoas envolvidas com a mesma causa, aceitarão facilmente os conselhos e as orientações dos líderes, “negligenciarão seus próprios interesses para devotar todo o seu tempo ao serviço da causa”.

“Se algum indivíduo de opinião contrária abre a boca para persuadi-los, eles se comportam como surdos, não ponderam as razões que lhes são oferecidas, a tudo respondem repetindo as palavras de João: «Nós somos de Deus; aquele que conhece Deus nos ouve». Quanto aos demais, vocês pertencem ao mundo, e falam da pompa e da vaidade do mundo; e o mundo, feito de gente como vocês, lhes dá ouvido.”<sup>3</sup>

O primeiro recurso usado pelos puritanos para garantir seu apoio é o de reescrever as Escrituras. Usá-las para finalidades que não estão nelas, para sustentar suas próprias teses. A proposta da Reforma de que todos devem interpretar livremente as Escrituras, certamente levaria ao caos – é o que pensam. Cada um dos reformadores, a partir de Calvino, escreve

então seu próprio texto canônico. Os seguidores dos puritanos se abstêm da leitura de qualquer outra fonte. E exercem uma censura cerrada àquelas que lêem ou citam outros autores além dos de sua corrente. A crítica livre, o exercício livre da teoria são naturalmente banidos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Voegelin, Eric. *A nova ciência da política*. 2.ª ed. Trad. José Viegas Filho. Brasília: Editora UnB, 1982, p. 103.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 104-05.

Como afirma Eric Voegelin: “nenhum trecho do Novo Testamento permite extrair conselhos em prol de uma ação política revolucionária. Nem mesmo a Revelação de São João, animada pela expectativa escatológica do Reino de Deus [...] coloca o estabelecimento desse reino nas mãos de um exército puritano [...] [...]. No capítulo 20 da Revelação, um anjo desce dos céus e lança Satã num poço sem fundo por mil anos: na Revolução Puritana, [eles] arrogam para si próprios essa função angelical”.

Passagens de um panfleto puritano de 1641 – *Um Vislumbre da Glória de Sion*, citado por Voegelin: “Deus tenciona empregar os homens do povo na grande tarefa de proclamar o reino de Seu Filho. [...] [A voz de Cristo] vem primeiramente da multidão, dos homens comuns. A voz se faz ouvir inicialmente por meio deles, antes que outros a expressem. Deus usa a gente comum para proclamar que Deus Nosso Senhor Onipotente reina. [...] o povo de Deus é feito de gente desprezada. Os santos são chamados de facciosos, carismáticos e puritanos, de sediciosos e perturbadores do Estado. No entanto eles serão libertados desse estigma, e os governantes se convencerão [...] que os Santos de Deus [...] são os melhores cidadãos”.

A convicção dos governantes, aponta Voegelin, será reforçada por mudanças drásticas nas relações sociais. O panfleto cita Isaías 49:23: “Os reis serão teus provedores; prostrados diante de ti, a face contra a terra, lambeirão a poeira de teus pés”.

Na concepção dos puritanos, a vitória de sua revolução implicará uma mudança radical dos governantes, que agora deverão ser obviamente seguidores de sua doutrina. Outro panfleto, de 1649, com a revolução já em pleno curso – e intitulado *Perguntas* – também citado por Voegelin: “O antigo grupo de governantes deve ser eliminado, pois «que direito têm os homens meramente naturais e mundanos de deter o governo, que carece de uma justificativa santificada para as menores graças tangíveis?» [...]. Se esperamos novos céus e uma nova terra «como poderá ser legal remendar o velho governo mundano». O único curso correto de ação será aquele que resulte em «suprimir para sempre os inimigos da religiosidade» [...]. Este mundo é feito de trevas, as quais devem ceder lugar a uma nova luz. Conseqüentemente são inviáveis os governos de coalizão”.<sup>5</sup>

Nessa perspectiva, “o novo reino será univer-

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 108.

sal na substância como o será em sua reivindicação quanto ao poder: ele se estenderá [querem os puritanos]: «a todas as pessoas e coisas universalmente». E continua Voegelin: “Os Santos antevêm que o universalismo de sua reivindicação não será aceito sem luta pelo mundo das trevas, e sim produzirá uma aliança igualmente universal do mundo contra eles. Por isso os Santos terão de unir-se «contra os poderes anticristãos do mundo» enquanto tais poderes «concertar-se-ão universalmente contra eles». Assim os dois mundos, que supostamente deveriam seguir-se cronologicamente, na realidade histórica transformar-se-ão em dois campos armados universais, empenhados em luta mortal”.<sup>6</sup>

3. É preciso ver na Revolução Inglesa a revolução paradigmática dos tempos modernos. É ela que inaugura a era das revoluções como as conhecemos, até a de 1917. Todas têm uma pretensão ética universalista, trazem um novo quadro ético e político que a partir delas deverá se instaurar de modo universal na Terra, e, ao mesmo tempo, têm seu espaço de ação concreta delimitado por fronteiras nacionais.

Richard Hooker é um modelo para os críticos reacionários, que se oporão às revoluções em nome da Razão – foi o principal inspirador do pensamento de John Locke, criador do liberalismo político. Eric Voegelin é um teórico político contemporâneo, que se inspira em Hooker, no texto citado, *A Nova Ciência da Política*. Hooker e Voegelin percebem muito claramente os aspectos sombrios das Revoluções e dos revolucionários, aspectos que vêm perseguindo os projetos revolucionários desde a Revolução Inglesa – o sectarismo, a incapacidade de diálogo com outras formas de pensar, o comportamento de rebanho dos seguidores, satisfeitos com a sua visão rígida da realidade e com a convivência incestuosa com outros que repetem seus mesmos bordões. Sua crítica lembra a leitura que D. H. Lawrence faz do culto do Apocalipse de São João e das igrejas que o incorporam – como religião da vingança e do ressentimento – completamente distante da nobreza e generosidade do Cristo dos Evangelhos.<sup>7</sup>

Os aspectos descritos por Hooker e Voegelin são, numa perspectiva nietzschiana, os aspectos reativos das Revoluções e dos revolucionários. É claro, apesar da precisão de suas críticas aos aspectos reativos, eles não são capazes de ver

ou descrever os aspectos ativos e criadores de uma Revolução, seu corpo-sem-órgãos, que só é experimentado por quem a vive no centro de seu movimento de criação. Este movimento, aliás, é sempre traído em sua narração posterior, que exclui todo o devir, a ambigüidade, as contradições, suas zonas de indiscernibilidade, sua alegria enlouquecida, suas paixões e tragédia. Seu caráter paradoxal e criador é traído nas formas cristalizadas da História.

4. Sessenta e oito marcou o fim da era das Revoluções Modernas. Ainda não falando sua língua, mascarada com os discursos e categorias do passado, ela produz paradoxalmente outra coisa. Sem fala. Mil, novecentos sessenta e oito representa o ponto mais alto e mais paradoxal dos processos revolucionários e assim dá a ver, com clareza, a beleza paradoxal de todos os outros. Uma revolução que não apresenta mais um novo quadro de valores com pretensões universais. Ao contrário, promove singularizações, faz diferir continuamente suas intenções; não tem centro, nem se delimita por fronteiras nacionais. Do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ), na Rua Marquês de Olinda, acompanhávamos nossa revolução em Paris, Chicago, Buenos Aires, Frankfurt, Cidade do México. Fizemos uma manifestação em Botafogo contra os tanques soviéticos invadindo Praga.

5. A Cristã, a Reforma, a Liberal e a Comunista. As revoluções foram os grandes momentos de criação ética, quando se produziram e se exercitaram novos modos de ser em sociedade, novas maneiras de existir. O caráter de surto criador, ou o corpo-sem-órgãos das revoluções transforma-as em caixas-pretas para seus sucessores. O Iluminismo é a traição inteligente da revolução, os aristocratas alemães que colonizam o pensamento revolucionário inglês e francês a partir de Kant. E inventam uma revolução movida pela Razão. A invenção de valores não é racionalizável. Os modos-de-ser, a sua construção é estética, ou ético-estética, movimentos corporais, correspondências sensíveis, ritmos, cores e afetos. A crítica racional dos valores é igualmente inútil, filha da mesma traição iluminista. Em caixas-pretas, traços das grandes revoluções, cristã, da Reforma, Liberal e Comunista brilham ainda, como universos incorporais, balizando a construção de territórios existenciais. Ver, por exemplo, os traços de Liberdade, Igualdade

<sup>6</sup> Ibidem, p. 110-1.

<sup>7</sup> Lawrence, D. H. *Apocalypse*. Londres: Penguin 1976 (1.ª ed., 1931).



e Fraternidade, na trilogia do cineasta polonês Kieslowski – Azul, Branco e Vermelho.<sup>8</sup>

6. O trabalho e a Técnica eram compreendidos por Marx como mediadores entre a sociedade e a Natureza, num longo processo que se acelerara com a Revolução Industrial. O trabalho como forma de organização da sociedade, e as máquinas que lhe estão associadas, produziram uma hominização da Natureza. A Revolução comunista viria apenas completar, no plano da organização da sociedade, um processo iniciado com a revolução técnica da indústria. O lugar da técnica, no entanto, foi deslocado com a atual revolução tecnológica. Em lugar de objeto neutro, cujo sentido estava sujeito à ética da organização social; em lugar de materialização da teoria e do pensamento operatório, que teria seu valor ético acrescentado de fora, pelo seu uso social, as máquinas hoje são imediatamente expressão de valor. Gilbert Simondon (*Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos*).<sup>9</sup> Não há novos agenciamentos técnicos que não sejam imediatamente novos agenciamentos éticos. Revolução técnica e revolução ética imediatamente associadas. Este foi o grito enigmático de 1968.

A atual revolução tecnológica pede a criação de grandes *exploratoria* éticos. Não mais a definição de uma nova tábua de valores – como a cristã, a liberal ou a comunista – mas matrizes de grades valorativas experimentais, múltiplas variações dos usos da vida. Como os funtores

e os diagramas nas *Cartografias Esquizoanalíticas* de Félix Guattari.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> *Trois couleurs: bleu, trois couleurs: blanc, trois couleurs: rouge* (em português: *A liberdade é azul, a igualdade é branca, a fraternidade é vermelha*). Ver: França, Andréa. *Azul, branco e vermelho. A trilogia de Kieslowski*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

<sup>9</sup> Simondon, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989 (ed. rev. nucho).

<sup>10</sup> Guattari, Félix. *Cartographies schizoanalytiques*. Paris: Galilée, 1989.

7. Em 1987, Félix Guattari e Antonio Negri escrevem *Os Novos Espaços de Liberdade*, por saudosismo ou bela homenagem, um novo manifesto comunista.

“Nós recomencemos a chamar comunis mo à luta coletiva pela libertação do trabalho. [...]. Só um movimento imenso de reapropriação do trabalho, enquanto atividade livre e criadora, enquanto transformação das relações entre os sujeitos, só uma revelação das singularidades

individuais e/ou coletivas, esmagadas, bloqueadas [...] irá gerar novas relações de desejo suscetíveis de «inverter» a situação presente. [...]. Trata-se de [...] uma reconquista do domínio sobre o tempo de produção, que é o essencial do tempo da vida. A produção de novas formas de subjetividade coletiva, capazes de gerir segundo finalidades não capitalísticas as revoluções da informática, da comunicação, da robótica e da produção difusa.”<sup>11</sup>

Definem mui claramente as novas categorias revolucionárias, que implicam uma compreensão do trabalho não mais como *praxis*, mas como *poiesis*, meio de produção de mundo, imediatamente técnica e valor, ação produtiva de objetos e produção de subjetividade; o fim de qualquer pretensão universalista na expressão de seus valores, e a contínua produção de mundo e valor com a velocidade das novas tecnologias – *i.e.*, um estado de revolução permanente.

Continuam Guattari e Negri:

“Os universais políticos não são portadores de nenhuma verdade transcendente; [...] eles são inseparáveis dos territórios particulares de poder e de desejo dos homens. A universalidade política não poderá pois se desenvolver através da dialética aliado/inimigo, como as tradições reacionária e jacobina o prescrevem. A verdade «ao alcance do universo» constitui-se pela descoberta do amigo na sua singularidade, do outro na sua irreduzível heterogeneidade, da comunidade solidária no respeito pelos seus valores e finalidades próprias. Tais são o «método» e a «lógica» das marginalidades que são assim o sinal exemplar de uma inovação política adequada às transformações revolucionárias solicitadas pelos modos de agir produtivos atuais.”<sup>12</sup>

E concluem:

“Após alguns séculos de domínio capitalista e/ou socialista, produção e sociedade tornaram-se uma e a mesma coisa. É um fato sem retorno. As máquinas de luta revolucionária devem tornar-se elas mesmas modos de

<sup>11</sup> Guattari, Félix & Negri, Toni. *Novos espaços de liberdade*. Lisboa: Centelha, 1987, p. 9.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 24.

agir produtivos das novas realidades sociais e das novas subjetividades. Sua questão passa a ser então, estritamente, a da Produção de Subjetividade. Este seria o campo de luta principal pois é por aí, contra a produção de subjetividade monopolizada pela mídia e o consumo cada vez mais uniformizado do Capitalismo planetário que se devem desenvolver os meios de singularização individual ou coletiva, de heterogênesse, a abertura para novos modos de ser, que chamaremos hoje de comunismo.”<sup>13</sup>

Em 84, Guattari e Negri ainda falavam do Estado, dos partidos políticos e do movimento sindical, da necessidade de atuar com e sobre esses espaços, na busca de mudanças legislativas que propiciem a promoção e desdobramento dos modos de ser singulares. Mas, em 1987, no texto liminar ao *Cartografias Esquizoanalíticas*, Guattari já não se refere ao Estado nem a quaisquer das instâncias a ele associadas. Como se o poder dos Estados-nacionais já não representasse grande coisa para uma luta que tem o Capital Mundial Integrado como seu opositor e que portanto só se pode organizar em agenciamentos internacionais articulados a partir de movimentos locais, para os quais os limites nacionais pouco significam.

(Obs. É evidente que a forma Estado-nação tem cada vez menos importância na Europa de Maastricht ou em todo o velho Primeiro Mundo; no entanto a ação sobre o Estado, passando pela via legislativa, tem ainda espaço nos países do Terceiro Mundo como mostra, por exemplo, Peter Evans em estudo sobre a globalização econômica e a função dos Estados nas economias emergentes – México, Índia, Brasil, Coreia, Cingapura, Vietnã, Malásia, etc.<sup>14</sup> – e – Harry Cleaver<sup>15</sup> falando do uso de

noções como *sociedade civil* e *direitos humanos* pela esquerda mexicana ou brasileira, num movimento de criação de um Estado democrático que realmente funcione – o que soa como anacronismo para as alternativas de esquerda européias.)

8. Mas onde está a revolução proposta por Guattari?

Um passeio pela Internet mostra uma ampla variedade de *sites* políticos, para todos os gostos, desde os ambientalistas que já foram mais

ativos e eficazes, como o da *Greenpeace*, aos mais recentes como o *Indigenous Environmental Network*, ligando as lutas ambientalistas às lutas dos povos indígenas; *sites* dos movimentos minoritários como os homossexuais *Lesbian Mothers Support Society*, *National Freedom to Marry Coalition*, *Digital Queers*, ou os da liberação do uso de drogas – o mais articulado *National Organization for the Reform of Marijuana Law* (específico para os E.U.A.); até os *sites* de discussão política como o *Liberals & Libertarians*, ou a *Netizen* da *Hot Wired*, que acompanhou durante um ano as práticas curiosas da mídia e dos diversos agentes nas campanhas dos dois partidos para as últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos.

Mas algo com a intensidade e as passagens entre dimensões e naturezas diversas que caracterizam um movimento revolucionário só aparece nos *sites* que se associaram em torno do Exército Zapatista de Libertação Nacional mexicano – o movimento dos grupos indígenas federados, que circula pela Selva de Lacandona, em Chiapas.

A comunicação internacional e apoio às lutas dos zapatistas através da internet tiveram um efeito evidente sobre os modos como o governo e o exército mexicanos se comportaram em relação à revolta armada em Chiapas, que no dia 1.º de janeiro de 1994 – dia em que entrou em vigor o acordo de livre comércio Estados Unidos/Canadá/México, o Nafta –, ocupou militarmente cinco vilas da região.

A primeira reação do governo mexicano teve a brutalidade que marca esse tipo de ação militar no Ocidente, desde o Vietnã – invasão de aldeias, massacres indiscriminados de camponeses suspeitos de pertencer ao EZLN, etc.<sup>16</sup> Mas esse primeiro movimento foi logo sustado tendo em vista a quantidade e variedade dos apoios vindo do exterior assim como de outras camadas da sociedade mexicana organizadas na CND – Convenção Nacional Democrática – um movimento não partidário, da sociedade civil. Muitos suspeitos ainda estão na cadeia, o exército continua ocupando a região, e os grupos paramilitares matam (numa guerra de “baixa intensidade”), mas o governo propõe negociações (lentas, intermináveis...) e evita o escândalo de ações extremadas. Outras lutas camponesas e de povos indígenas por todo o México se articularam às lutas

<sup>13</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>14</sup> Evans, Peter. *Embedded Autonomy. States & Industrial Transformation*. Princeton University Press, 1995.

<sup>15</sup> Cleaver, Harry. *The Chiapas Uprising and the Future of Class Struggle in the New World Order*. Fevereiro de 1994 – publicado primeiramente na revista italiana *RIFI/RAFF* (Pádua, s.d.)

<sup>16</sup> Entre 3 e 10 de janeiro de 1994, a “resposta” do exército mexicano matou 157 pessoas e deixou 427 “desaparecidos”, além de deslocar 30.000 civis de suas aldeias para acampamentos nas montanhas e campos de refúgio dos.

dos zapatistas. A internet foi o principal meio de comunicação nessa luta.

Diz um documento da *Acción Zapatista*, principal *site* de apoio, sediada na Universidade do Texas, Austin – “Zapatismo no Cyberespaço”:<sup>17</sup>

O computador também favoreceu uma nova forma de organizar que se aproxima do espírito dos zapatistas em sua forma de organizar-se em Chiapas. As redes eletrônicas permitem a criação de um tecido de comunicação e cooperação democráticas, que se move rapidamente e com fluidez. Em contraste com organizações tradicionais que tendem a ter estruturas rígidas, hierárquicas, de cima a baixo – mesmo as organizações revolucionárias – este tecido eletrônico de organização é uma rede horizontal com uma infinidade de nós. Os esforços para IMPOR estruturas hierárquicas no ciberespaço têm dado pouco resultado porque os participantes podem abandonar esse terreno com facilidade e criar de novo seus próprios contatos, listas, conferências, ou grupos noticiosos.

Foi por meio da rede que se organizou o primeiro Encontro Internacional, na selva, em Chiapas, em julho de 1996, reunindo três mil ativistas e intelectuais de quarenta e dois países e cinco continentes. O encontro foi convocado em janeiro de 1966, com a preliminar de cinco conferências nos cinco continentes, para discutir Ações pela Humanidade e contra o Neo-Liberalismo – os efeitos do neoliberalismo em diversas áreas de experiência: econômica, política, social, cultural e sobre as populações indígenas. Na convocação para os Encontros, os zapatistas afirmam seu compromisso pela paz e sua análise de uma transição necessária para um “verdadeiro espaço de luta democrático”. Recusam o papel de vanguarda numa luta que deve incluir todos os setores da sociedade mexicana e propõem que a atual fase do capitalismo globalizado oferece condições para integrar através das redes eletrônicas, e outros meios, um amplo espectro de grupos políticos em todo o planeta. Eles insistiam sobre a nova forma dos fóruns como a produção de “diálogos sem fim baseados necessariamente sobre relações sociais não hierárquicas e pelo conflito democrático”.<sup>18</sup>

Lá estavam Mme Mitterand e Régis Debray, representantes do PT e de muitos partidos socialistas e comunistas das Américas e de centenas de organizações não-governamentais de todo o mundo. Um dos resultados do encontro foi a criação da Rica – Rede Intercontinental de Comunicação Alternativa –

<sup>17</sup> In <http://howw.eco.utexas.edu/faculty/Cleaver/chiapas95.html> ou [gopher://eco.utexas.edu](http://gopher://eco.utexas.edu).

<sup>18</sup> Ibidem.

como veículo para “troca de experiências e discussão de estratégias globais para a luta contra o capitalismo e para o desenvolvimento e expansão de ampla variedade de modos de organizar a vida social”, como diz sua carta de princípios. O segundo Encontro aconteceu entre 25/7 e 3/8/1997, na Espanha.<sup>19</sup>

Entre os *sites* associados à Rica, e à *Acción Zapatista*, estão *The Guatemalan Students Home Page*, do movimento estudantil guatemalteco, a *The Mexican Solidarity Page* sediada em Montréal, no Canadá (ambas têm versões em inglês e espanhol); o Movimento dos Trabalhadores pela Solidariedade (*Workers Solidarity Movement*), um grupo anarquista na Irlanda; a *Instructional Workers Page*, do sindicato dos trabalhadores intelectuais nas universidades públicas do Texas; a página *Food Not Bombs, An Anarchy Homepage, Burn!*, uma revista eletrônica sediada na Universidade da Califórnia em San Diego, e que integra os grupos *Arm the Spirit, Long Haul Infoshop, Groundwork Books*, a Rede de Informação Curdo-Americana (*American Kurdish Information Network*), e *Art For @ Change*. Outra página é a *SOLIDARITY*, organização socialista fundada em 1986, por socialistas revolucionários que buscam um reagrupamento das esquerdas nos E.U.A., a partir de organizações de base. Fora dos Estados Unidos, em Hanôver, Alemanha, o *The Alternative Guide through the WWW-Galaxy* canaliza os *sites* em alemão, a *European Counter Network*, os *sites* em italiano e inglês.<sup>20</sup>

Não há muitos recursos diferentes na rede: contatos de pessoa a pessoa, conferências ou conversas em tempo real; listas, em que muitas pessoas contribuem e têm suas propostas acrescentadas num conjunto crescente, e coordenadas por um moderador – não em tempo real; revistas/noticiosos que podem ter um corpo de editores e colaboradores espalhados por qualquer parte do planeta onde haja telefone. Como afirma Pierre Lévy, a diferença principal em relação à mídia eletrônica anterior é a passagem de um sistema de comunicação um-todos a um sistema todos-todos. Todos podem acessar todos. A diferença política aí é como propõe um artigo de John Arquilla & David Ronfeldt da *Rand Corporation*,<sup>21</sup> sobre a *Cyberwar* – os usos do ciberespaço na guerra:

<sup>19</sup> Ibidem. Em 1998, novembro 22-25, o encontro do EZLN com a sociedade civil, em Chiapas, contou com representantes de muitos grupos internacionais que apoiam a luta zapatista. Em dezembro de 1998, aconteceram encontros regionais na Dinamarca, na Alemanha e na Itália.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> CYBERWAR IS COMING! John Arquilla & David Ronfeldt.



“A História demonstra que, na vida incipiente de uma nova tecnologia, as pessoas enfatizam os efeitos de eficiência e subestimam os efeitos potenciais sobre o sistema social. O avanço nas tecnologias de rede torna possível pensar pessoas, juntamente com bases de dados e processadores como recursos de uma rede [...]. A revolução da informação põe em xeque o *design* de muitas instituições. Rompe com as hierarquias e redistribui o poder, freqüentemente em benefício dos agentes considerados mais fracos e menores. Atravessa fronteiras e redesenha os limites de escritórios e responsabilidades. Expande os horizontes espacial e temporal que os agentes levam em conta. Assim, ela obriga sistemas fechados a abrirem-se. Embora isto seja difícil para instituições antigas, grandes e burocráticas, a forma institucional *per se* não está se tornando obsoleta. [...]. As mudanças que preocupam as instituições, como a erosão da hierarquia, também favorecem o crescimento de redes multiorganizacionais. [...]. A rede tem uma forma diferente da forma institucional [...] redes multiorganizacionais consistem de (sempre pequenas) organizações ou partes de instituições que se ligaram para agir conjuntamente. [...] [Assim,] agentes diversos e dispersos podem se comunicar, consultar, coordenar e operar juntos através de grandes distâncias e com base em mais e melhor informação que nunca antes.”

Eles criam uma nova categoria de guerra, além da política, econômica, social, todas podendo associar-se à guerra militar propriamente dita: a *netwar*, guerra de rede. E entre as *netwars* está esta em que movimentos em torno do mundo se organizam de modo crescente atravessando as fronteiras nacionais e criando coalizões, e identificando-se mais com a sociedade civil – uma sociedade civil globalizada – que com os Estados-nações. Segundo os autores, esta deveria ser a próxima grande fronteira do conflito ideológico e a *netwar* seria sua principal característica.

Os zapatistas foram mais longe. Em *La Revolución Global*, dizem:

“No passado, os esforços revolucionários buscaram a unidade através da promulgação e adesão a uma ideologia. Aprendemos de forma dura e penosa que esta prática não serve. Nós, os

feldt. International Policy Department. *RAND Journal of Comparative Strategy* 12(2);141-65, 1993.

seres humanos, nossas idéias, nossas culturas, nossas formas de fazer as coisas são muito variadas. Os esforços de homogeneizar-nos são destinados ao fracasso. Em lugar disso, devemos buscar uma unidade mais orgânica, como as diferentes e complementares formas de vida que evoluem numa ecologia auto-sustentada.”

Onde a rede atua diretamente? Os militares falam de C3I, “comando, controle, comunicações e inteligência”.<sup>22</sup>

9. Pierre Lévy fala de sinergia, em que, em um trabalho de grupo, a proposição de um se prolonga na do outro, dos outros, em tempo real – mensagens que se ampliam/reformam/crescem/transformam no ato da troca. Ao processo como um todo ele chama de criação de uma “inteligência coletiva”. Pierre Lévy criou um sistema de produção de Inteligência Coletiva, num *software* intitulado *Árvore do Conhecimento*; infelizmente não está na rede. Ele o vende e ensina como usar, para grandes empresas e instituições. Está sendo usado pelo metrô de Paris, por algumas universidades, uma francesa e outra escocesa. No Brasil, seu uso é promovido pela DDIC (<http://www.ddic.com.br>). A DDIC já o está usando no programa de pós-graduação da PUC-São Paulo, como árvore de gestão de projetos de pesquisa (professores, mestrados, doutorandos...). Já foi adotado em uma escola particular de São Paulo (Logos) e deve chegar à Escola Superior de Administração Fazendária, em Brasília.<sup>23</sup>

No modelo original de Lévy é um sistema em que se inscrevem todos os participantes de uma instituição de tamanho razoável e portanto tendente à impessoalidade nas relações e à criação de grupelhos variados, separados por preconceitos, ou simplesmente lutando pelo poder, nas formas mais baixas, como acontece nas nossas grandes universidades. Cada pessoa, do servente ao reitor, faz um currículo onde especifica tudo o que sabe fazer, de preferência na ordem em que esses saberes foram adquiridos, mas não restritos aos diplomas acadêmicos – entra tudo no currí-

<sup>22</sup> In: Arquilla & Ronfeldt. Op. cit.

<sup>23</sup> Lévy, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1993; Lévy, Pierre & Authier, Michel. *As árvores de conhecimentos*. Trad. Monica M. Seincman. São Paulo: Escuta, 1995. Mais informações em: Arbor & Sens – <http://www.globenet.org/arbor/>; Arbres de connaissance pour une nouvelle école <http://www.erasme.org/acne/>; Asociación Española de Teletrabajo – <http://www.ciberteca.es/aet/>; – Cereq – <http://www.cereq.fr/> e – Cortex – Gingo – <http://www.monquitoweb.fr/cortex/>



culo: aprendi piano com minha mãe, faço uma ótima macarronada, sei comprar peixe, soltar pipa, jogar *poker*, fui jornalista e sou doutor em matemática. Essas fichas são feitas de modo que possam todas interagir. Na hora que preciso de uma receita de macarronada especial, tenho a lista dos bons cozinheiros; da mesma forma, se quero montar um grupo de pesquisas e preciso de um modelizador matemático, um antropólogo, um biólogo, e estagiários em antropologia e biologia. Em cada situação e em cada posição que eu esteja e precise e queira ter a ajuda de outras pessoas ou fazer algo com um ou mais parceiros/parceiras. O sistema corrói o peso da hierarquia da instituição, dá uma flexibilidade e uma velocidade muito grande a qualquer momento da produção... ou do lazer.

Talvez o aspecto central da estética das revoluções seja este da ampliação de possibilidade de relações entre as pessoas de origens, classes, culturas, raças, sexos, países, planetas os mais diversos. É uma festa. A revolução é uma festa, como diziam os ex-maoístas franceses com suas bandas.

(Pierre Lévy é criticado como crente num certo determinismo das mudanças tecnológicas sobre as transformações sociais. A mesma crítica era feita, com um pouco mais de consequência, em relação a Marshall McLuhan, nos anos 70, por toda a intelectualidade européia de esquerda. Como engenheiro de *softwares*, no entanto, Pierre Lévy tem a experiência da interpertinência entre os aspectos técnicos e éticos [ou etológicos, ou políticos] em qualquer sistema informatizado, e é nessa direção, na linhagem simondoniana, que aponta, ao não discutir de maneira independente as questões técnicas e ético-políticas das novas tecnologias.)

10. Giorgio Agamben pergunta como fazer política hoje, quando todas as categorias políticas ruíram. Pergunta se tem sentido propor um novo Comunismo. Lembra então a categoria da Escolástica, do *quodlibet*, a “qualquer coisa”. (*Quodlibet ens est unum, verum, bonum seu perfectum* – qualquer ente é uno, verdadeiro, bom, ou perfeito.) “Qualquer coisa” não era entendido como “não importa o que”, mas como “o que realmente importa”. *Libet* é do verbo querer, como em português – qualquer – qual dentre todas as coisas eu quero. Os seres na sua singularidade não podem ser conhecidos de forma meramente intelectual com as categorias ou classes aristotélicas (quando, sempre o ente  $x$  pertence à classe  $y$ ). Assim é por exemplo, no amor: eu não posso dizer que amo Fulana porque ela é bela, inteligente, tem olhos vibrantes, cabelos da

cor da asa da graúna. Todas as características de Fulana incluídas, amá-la é algo a mais que não está em nenhuma classe. O grau de conhecimento mais profundo que é o amor, o amor terreno e o amor de Deus, me coloca nesse estado. Aquilo que eu não posso esgotar com as palavras; que por mais que fale ainda não apreendo inteiramente. Isto é o que é verdadeiramente *comum* a todas as coisas: a sua singularidade. Como organizar-se politicamente não em função da classe a que se pertence: ser trabalhador, ser negro, ser mulher, ser brasileiro ou campônês? Como organizar politicamente fora de qualquer classe, a partir disto que é *comum* a todos? – eis o novo projeto comunista.<sup>24</sup>

A proposta é bonita. Seu efeito é, ao mesmo tempo, poético e, aparentemente, um bom argumento. Mas, e daí? Uma etimologia pode ser responsável por escolhas políticas? Etimologias são bons argumentos políticos? Nosso encanto apenas mostra o quanto ainda nos resta da esperança, de que todas as lutas singulares e dispersas encontrem novos modos de se articular naquela grande nuvem luminosa que varria o planeta e costumávamos chamar de Revolução. Estas articulações vão precisar se fazer sempre e se refazer, não para a construção de um só caminho, mas integrações variadas marcadas por correspondências sensoriais, e entre afetos, concepções do trabalho ou da natureza, casamentos provisórios, coletivos provisórios, sempre a se constituir e desconstituir, como o movimento das redes. Não interessa o futuro da revolução, o que interessa é o devir revolucionário.

Voltemos então aos zapatistas, e ao presságio poético de Ricardo Domínguez:

“Na selva delirante de Lacandona flutua uma construção temporária de plantas, carne e circuitos que está tentando desenvolver uma perturbação rizomática, a «antecâmara» de uma «revolução que tornará a revolução possível...». Os zapatistas não são a primeira revolução pós-moderna, mas a última; eles são a mediação, em vias de desaparecer, entre a quebra do espelho da produção (capital morto) e o estilhaçar do cristal da (des)materialização (capital virtual).”<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Agamben, Giorgio. *The Coming Community*. Trad. por Michael Hardt. The University of Minnesota Press, 1993.

<sup>25</sup> R. R. Domínguez. *Run for the Border: The Taco Bell War*, p. 1. Ricardo Domínguez trabalha ao lado de Stefan Wray no projeto *The Electronic Disturbance Theater*, que coordenou bloqueios eletrônicos a sites como o da Presidência da República do México, a Bolsa de Valores do México ou a Casa Branca, em datas determinadas, em apoio à luta do EZLN. Para informações: <http://www.thing.net/~rdom>